

Quanto custa a mão-de-obra na sua alimentação

Quanto custa a mão-de-obra humana no preço do seu alimento? A crescente reivindicação dos trabalhadores avulsos da agricultura (os bóias-frias) vem colocando essa questão para os pesquisadores do ramo, como os do Instituto de Economia Agrícola da Secretaria da Agricultura, que fazem levantamento de custos da produção.

O custo da mão-de-obra dentro das despesas totais de plantar, cultivar e colher não vinha despertando grande curiosidade dos economistas por uma razão muito simples — é pequeno demais. Os explosivos movimentos dos bóias-frias, entretanto, levarão o IEA agora a fazer pesquisas mais amplas do custo do trabalho volante na agricultura paulista.

Os levantamentos atuais mostram uma significativa diferença em relação à antiga situação da agricultura, quando as fazendas contavam com o trabalho fixo das famílias de colonos. Em 1960, por exemplo, segundo os dados do IEA, do custo para se produzir arroz em São Paulo, 55% eram mão-de-obra. Neste ano, calcula-se que do custo de produção do arroz irrigado do Vale do Paraíba, apenas 7% se destina à mão-de-obra.

— É o que se chama uma mudança na base técnica de produção — comenta o pesquisador Roberto Assumpção, do IEA. Em 1960, os custos da produção restringiam-se a adubo, semente, mão-de-obra e tração animal.

— A modernização começou com o preparo do solo pelo trator no final da década de 60. No início da década de 70, o plantio passou a ser motomecanizado, e em meados da década de 70 passou-se a usar herbicida e a efetuar capina mecânica. Alguns produtos subordinaram-se a esse processo mais rapidamente e mais generalizadamente que outros (o melhor exemplo é a soja), mas a modernização atingiu a agricultura de maneira geral.

Essa modernização do campo resultou uma diminuição dos homens-hora empregados, e portanto na diminuição dos custos com mão-de-obra. Reduziu-se violentamente também o emprego do mensalista e aumentou o trabalho volante. E por outro lado acresceram-se outros itens a custo de produção, como os insumos modernos e os custos financeiros.

A mão-de-obra do alimento

O mesmo tipo de arroz de sequeiro que custava 55% de mão-de-obra em São Paulo, em 1960, pesquisado na estimativa do IEA deste ano na região de Ribeirão Preto despende 41% com mão-de-obra. Mais 13% da empreitada da colheita, um serviço contratado pelo produtor.

No caso de feijão, as despesas com mão-de-obra são um pouco maiores, e boa parte das culturas são pouco modernizadas. O custo de produção do feijão das águas com tração animal e colheita manual na região de Sorocaba é estimado para este ano em 21%. Na mesma região, o feijão cultivado com tecnologia mista de trator e animal custa 8,4% de mão-de-obra.

O custo de mão-de-obra é maior no caso do feijão da seca, o que é plantado em janeiro — fevereiro e colhido nesta altura do ano. Com ambos os sistemas de tração, motomecanizada e animal, sua mão-de-obra responde por 16,5% dos custos totais. E com tração animal, responde por 30%. Como explicam os economistas do IEA com sua linguagem, o feijão da seca requer "mais dias-homens de trabalho".

Na soja, o uso de mão-de-obra é baixíssimo. No custo total essa despesa participa com apenas 3%.

Para comparar esses números com a cana-de-açúcar, cujos trabalhadores reivindicam crescentemente maiores pagamentos, há os seguintes dados de custo de mão-de-obra do IEA — 2,2% mais 10% do corte empreitado no primeiro ano; 2,6% mais 19% da empreitada do corte no segundo ano e 2,7% mais 16% d colheita empreitada no terceiro ano. É uma estimativa de custos para este ano.

Pesados são os juros

Como o custo é apenas uma parte do preço final pago pelo consumidor, pode-se ver que a participação da mão-de-obra no preço do alimento que compramos é muito pequena, mesmo no caso de maior trabalho manual, como o de algumas culturas de feijão.

Roberto Assumpção compara essa participação com outras porcentagens, bem mais pesadas, da participação dos juros dos financiamentos agrícolas no custo total da lavoura. Em 1960, época em que não havia sido instituído ainda no Brasil o apoio creditício à agricultura, os juros bancários não faziam parte do custo do alimento. Hoje eles pesam muito na atividade do campo.

Dados relativos a participação no custo dos juros de custeio mostram que eles são de 38% no custo da cultura de arroz irrigado, 40% no arroz de sequeiro, 30% no feijão das Aguas, e de 32 a 34% no feijão da seca. Para a soja, a participação é de 37%, e para a cana, mais ainda — 50%.

No caso da laranja, o IEA não calcula os custos de mão-de-obra. É que os levantamentos desse instituto são feitos para o conhecimento do produtor, e a colheita da laranja, um produto que é vendido ainda no pé, é de responsabilidade da indústria.

(Página 11)